

## O INTERVALO DO TEMPO

JEANETTE WINTERSON

# O INTERVALO DO TEMPO

*O Conto de Inverno* recontado

Tradução de  
ANA FALCÃO BASTOS e CLÁUDIA BRITO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

Para Ruth Rendell 1930-2015

Depois dos cinquenta anos, percebemos com surpresa  
e com uma sensação de absolvição suicida  
que aquilo que tencionávamos fazer e em que  
falhámos  
nunca poderia ter-se concretizado —  
e que será preciso fazê-lo melhor.

«For Sheridan», Robert Lowell

**O ORIGINAL**

**O Lugar.** A peça tem início na Sicília — uma das muitas ilhas fantásticas de Shakespeare.

**O Tempo.** Inventado.

**A História.** Polixeno, rei da Boémia, está há nove meses a viver no palácio do seu amigo de infância Leontes, rei da Sicília. Polixeno quer ir para casa. Leontes tenta em vão convencê-lo a ficar.

Hermione, a mulher de Leontes, que está grávida, intervéem e Polixeno acede em ficar durante mais algum tempo.

Mas Leontes convence-se de que Polixeno e Hermione têm um caso e que a criança que em breve ela dará à luz é filha de Polixeno.

Leontes chama o seu criado Camilo e ordena-lhe que envenene Polixeno. Em vez de obedecer, Camilo avisa este último que Leontes tenciona assassiná-lo. Polixeno foge, levando Camilo consigo.

Furioso com a fuga, Leontes acusa imediatamente e em público a mulher de infidelidade. Manda-a encarcerar — surdo aos protestos de toda a corte, especialmente da nobre Paulina, a única pessoa suficientemente corajosa para enfrentar Leontes.

Enraivecido por ninguém acreditar na denúncia louca e abjeta que faz da rainha, e para evitar que lhe chamem tirano, Leontes envia uma comitiva consultar o oráculo de Delfos.

Entretanto, Hermione dá à luz uma menina. Leontes não reconhece a filha, a quem considera bastarda, e condena-a à morte.

Paulina leva a criança até junto de Leontes, na esperança de que isso abrande a sua raiva. Mas o rei ameaça esmagar-lhe o crânio. Incapaz de enfrentar Paulina, acede a que a menina seja levada para qualquer lugar distante e entregue à sua sorte. Deve ser Antígono, o marido de Paulina, a fazê-lo.

Quando Antígono parte para cumprir a sua missão, Leontes leva Hermione a julgamento e humilha-a perante o Tribunal Real. Quanto mais a insulta, mais digna ela se mostra, distinguindo-se pela sua compostura e a sua firme negação de que está louca.

No meio deste tribunal fantoche, o Oráculo é trazido de Delfos e declara que Leontes é um tirano ciumento, que Hermione e Polixeno estão inocentes e que Leontes não terá um herdeiro até a criança perdida ser encontrada.

Louco de fúria, Leontes declara que o Oráculo mente. Entretanto, um mensageiro vem a correr anunciar-lhe que o jovem Mamílio, o seu único filho, morreu.

Hermione desfalece. Leontes arrepende-se. Mas é tarde demais. A rainha está morta.

**O Lugar.** Boémia. Agora parte da República Checa. Nunca teve uma costa marítima.

**A História.** Antígono deixa a bebé Perdita nas praias da Boémia, com dinheiro e algumas provas da sua origem, e tenta partir antes que a tempestade rebente. O barco em que viaja

vira-se. Antígono é morto na indicação cénica mais famosa do mundo: *Sai perseguido por um urso.*

Autólico, um rufião local, apercebe-se de tudo mas não faz nada, a não ser esvaziar uns bolsos, enquanto Perdita é encontrada por um pastor pobre acompanhado pelo Parvo, o seu filho atoleimado. Têm pena da bebé e criam-na como se fosse sua.

### **O Tempo.** Dezasseis anos mais tarde.

O príncipe Florizel, filho de Polixeno, apaixonou-se por Perdita e está convencido de que ela é filha de um pastor.

A cena desenrola-se numa festa animada — o festival da tosquia dos carneiros, onde o nosso Pastor e o seu filho, o Parvo, ficam ricos, graças ao dinheiro que encontraram junto de Perdita.

Florizel finge ser uma pessoa vulgar e não um príncipe rico. Impulsivamente, propõe casamento a Perdita e pede a dois desconhecidos mais velhos que sejam testemunhas.

Acontece que os dois desconhecidos são Polixeno e Camilo, disfarçados.

Enquanto Perdita e Florizel declaram o seu amor, o patife Autólico está ocupado a roubar o dinheiro de toda a gente, a mentir e a divertir-se na festa.

Ele é o vilão mais adorável de Shakespeare, espirituoso, volúvel e resiliente. E o meio improvável de alcançar um final feliz...

Enquanto o Parvo está ocupado a entreter as suas amigas Mopsa e Dorcas, e o Pastor felicita toda a gente pela sua boa sorte, Polixeno liberta-se do disfarce e ameaça todos os presentes de morte imediata.

Irado, ordena a Florizel que não torne a ver Perdita. Camilo apercebe-se de que é chegada a sua oportunidade de regressar a casa. Oferece-se para levar Florizel e Perdita para a Sicília. Estes concordam e fogem.

Atrás deles vão o Pastor, o Parvo e Autólico.

**O lugar.** Sicília.

**O tempo.** Um presente em movimento rápido.

**A história.** Florizel e Perdita chegam à corte. Leontes apaixonou-se por Perdita, mas não tarda a descobrir que ela é sua filha, quando o Pastor e o Parvo lhe mostram a caixa com as provas da sua origem.

Polixeno, no encalço dos fugitivos, reconcilia-se com Leontes e com Florizel. O final está à vista. Paulina convida toda a gente a ir a sua casa ver uma estátua de Hermione. A estátua parece tão real que Leontes se aproxima para a beijar, mas é dissuadido por Paulina, que se oferece para a fazer descer do pedestal.

O fim da peça, sem explicação, aviso ou interpretações psicológicas, lança todas as personagens para uma nova vida. O que farão dela é deixado ao critério do «intervalo do tempo».

**A NOVA VERSÃO**

UM

ASTRO AQUOSO

Hoje à noite vi uma coisa estranhíssima.

Ia a caminho de casa, a noite estava quente e pesada, como costuma acontecer aqui nesta época do ano, de modo que ficamos com a pele lustrosa e a camisa molhada. Tinha estado ao piano no bar onde toco e ninguém sentia vontade de se ir embora, de modo que saí mais tarde do que gosto. O meu filho disse que ia buscar-me de carro, mas não apareceu.

Eram talvez duas da manhã e ia a caminho de casa, com uma garrafa de cerveja a aquecer na mão. Sei que não se pode beber na rua, mas que diabo se há de fazer, depois de ter estado a trabalhar nove horas a fio, a servir *shots* quando o bar está calmo e a tocar piano quando fica agitado. É sabido que as pessoas bebem mais quando há música ao vivo.

Ia a caminho de casa quando o tempo se fendeu e a chuva começou a cair como gelo — era mesmo gelo, pedras de granizo do tamanho de bolas de golfe, duras como uma esfera de elástico. A rua conservava todo o calor do dia, da semana, do mês, da estação. Quando o granizo tocava no chão, parecia que alguém atirava cubos de gelo para uma frigideira com gordura a ferver. Era como se a tempestade subisse da rua em vez de descer do céu. Eu corria por entre uma saraivada de estilhaços

de granada, abrigando-me em entradas sucessivas, sem conseguir ver os pés através do vapor que se elevava com um silvo. Nos degraus de igreja passei um minuto ou dois acima da espuma borbulhante. Estava encharcado. O dinheiro que tinha no bolso estava colado e o meu cabelo pegado à cabeça. Enxuguei a chuva dos olhos. Lágrimas de chuva. A minha mulher morreu há um ano. Não valia a pena abrigar-me. Podia muito bem ir para casa.

Por isso tomei o atalho. Não gosto de ir por aí por causa da Caixa para Bebés.

O hospital instalou-a há um ano. Observei os construtores dia após dia quando ia visitar a minha mulher. Vi como fizeram o invólucro de betão, como fixaram a caixa de aço no seu interior, como colocaram a janela hermeticamente fechada, como ligaram o aquecimento, a luz e o alarme. Um dos trabalhadores não queria fazer aquilo, achava que não estava certo, que era imoral, suponho. Um sinal dos tempos. Mas os tempos têm tantos sinais que, se os lêssemos todos, morríamos de tristeza.

A caixa é quente e segura. Uma vez o bebé colocado lá dentro e a portinhola fechada, uma campainha toca no hospital e não tarda a aparecer uma enfermeira, que demora apenas o tempo suficiente para a mãe se ir embora — há uma esquina mesmo ao pé, que ela dobra antes de desaparecer.

Vi isso acontecer uma vez. Corri atrás da mulher. Chamei-a. Ela voltou-se. Olhou para mim. Passou um segundo, o género de segundo que encerra o mundo inteiro — e depois o ponteiro dos segundos avançou e ela partiu.

Retrocedi. A caixa estava vazia. Uns dias depois, a minha mulher morreu. Por isso, não faço o caminho para casa por aí.

As Caixas para Bebés fazem parte da História. Uma história não está sempre ligada à História? Pensamos que estamos

a viver no presente, mas o passado encontra-se mesmo atrás de nós como uma sombra.

Fiz alguma pesquisa. Na Europa, durante a Idade Média, fosse lá isso quando fosse, havia Caixas para Bebés. Chamavam-lhes Roda dos Expostos; uma janela redonda num convento ou num mosteiro, pela qual se podia introduzir um bebé na esperança de que Deus olhasse por ele.

Ou então era possível deixá-lo embrulhado numa floresta para os cães e lobos o criarem. Deixá-lo sem um nome, mas com qualquer coisa para começar a história.

Um carro passa por mim a grande velocidade. A água da valeta encharca-me como se eu já não estivesse suficientemente molhado. Grande estúpido. O carro encosta — é Clo, o meu filho. Entro. Ele passa-me uma toalha e enxugo a cara, grato e de súbito exausto.

Avançamos alguns quarteirões com o rádio ligado. O boletim meteorológico com as aberrações do tempo. Uma superlua. Ondas gigantescas no mar, o rio a galgar as margens. Não viajem. Permaneçam em casa. Não é o furacão Katrina, mas também não é noite para sair. Os carros estacionados dos dois lados da rua estão mergulhados em água até meio das rodas.

É então que o vemos.

À nossa frente, está um carro preto, um *BMW Série 6*, que chocou de frente na parede. As portas de ambos os lados estão abertas. Um chaço qualquer enfiou-se-lhe na traseira. Dois rufiões espancam um tipo caído no chão. O meu filho apoia-se na buzina, conduz direito a eles, com a janela fechada, a gritar: «QUE MERDA É ESSA?» O carro dá uma guinada quando um dos homens dispara na nossa direção para atingir o pneu da frente. Clo gira o volante e o carro embate no passeio. Os

rufiões saltam para o *BMW*, riscam-no a todo o comprimento da parede, lançando o chaço para o meio da rua. O tipo espancado continua no chão. Tem um fato de boa qualidade. Deve ter uns sessenta anos. Está a sangrar. O sangue corre-lhe pelo rosto levado pela chuva. Diz qualquer coisa. Ajoe-lho-me ao seu lado. Tem os olhos abertos. Está morto.

O meu filho olha para mim — sou o pai dele — o que fazemos? Nessa altura, ouvimos sirenes vindas de qualquer sítio à distância, como que doutro planeta.

— Não lhe toques — digo ao meu filho. — Faz inversão de marcha.

— Devíamos esperar pela polícia.

Abano a cabeça.

Com o pneu vazio, dobramos a esquina aos solavancos e seguimos lentamente pela rua que passa pelo hospital. Uma ambulância está a sair da garagem das urgências.

— Preciso de mudar o pneu.

— Estaciona no parque do hospital.

— Devíamos contar aos polícias o que vimos.

— Ele está morto.

O meu filho para o carro e vai buscar o equipamento para mudar o pneu. Durante algum tempo, fico sentado, molhado e imóvel, no banco encharcado. As luzes do hospital cortam as janelas. Odeio este hospital. Fiquei assim sentado no carro depois de a minha mulher morrer. A olhar pelo para-brisas sem ver nada. O dia passou, depois anoiteceu, e nada mudou por tudo ter mudado.

Saio do carro. O meu filho levanta a parte traseira com o macaco e, juntos, tiramos a roda. Ele já tinha ido tirar da bagageira o pneu sobressalente. Enfio os dedos na borracha rasgada do pneu vazio e puxo para fora a bala. Podemos precisar de

uma coisa ou de outra, mas disto não precisamos. Pego-lhe para a ir enfiar na sarjeta junto do passeio.

É nessa altura que vejo a luz.

A Caixa para Bebés está iluminada.

De algum modo, tenho a sensação de que tudo isto está ligado — o *BMW*, o chaço, o morto, o bebé.

Porque há um bebé.

Dirijo-me à caixa e o meu corpo move-se em câmara lenta. A criança está adormecida, a chupar o dedo. Ainda não apareceu ninguém. Porque não teria ainda aparecido ninguém?

Apercebo-me, sem me aperceber, de que tenho na mão a alavanca de desmontar o pneu. Movo-me, sem me mover, para abrir a portinhola. É fácil. Tiro o bebé, uma menina leve como uma estrela.